

## Comunicação e Cultura: Identidades em Mutação<sup>1</sup>

Karoline Messias FOGAÇA<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### Resumo

O trabalho analisa o videoclipe *I Wanna Go* (2011) da cantora Britney Spears buscando investigar a construção de identidades. Além disso, utilizando o estudo dos signos pelo viés da teoria peirceana, o artigo pretende verificar como as imagens do videoclipe contemporâneo podem ser mais do que uma mera ferramenta de entretenimento produzido pela mídia, ao produzir sentidos. A partir da teoria esboçada por Charles Sanders Peirce e interpretada por Lucia Santaella, que aponta sobre como os signos transmitem um sentido, e o conceito de identidade descrito por Zygmunt Bauman será analisado como foi apresentada a imagem da cantora na produção mesclando seu passado e presente.

**Palavras-chave:** Britney Spears; Comunicação; Cultura; Identidade; Semiótica;

### 1 INTRODUÇÃO

A comunicação nos rodeia a todo o momento e de várias formas, gerando interpretações diversas a todo instante. Ela pode nos atingir pelas palavras, imagens ou sons, e um videoclipe musical é o objeto que une estas três formas de comunicação. De maneira agradável e simples, ele utiliza o entretenimento para conseguir a atenção do público e comunicar sobre uma mensagem ou ideologia.

Ao longo das décadas do último século foi surpreendente observar o avanço do espaço das imagens sobre o espaço das palavras, um cenário no qual as imagens devoram sua própria cria, a escrita. O que no início constituía uma raridade a ser buscada e valorizada como bem precioso, as figuras e ilustrações vão ocupando cada vez mais o espaço na mídia impressa, nos livros, nas revistas, nos jornais. (GUIMARÃES, 2000, p.I)

O artista quer atingir o público e persuadi-lo com aquilo que produz, seja por meio das letras de músicas, melodias ou imagens. Para isso, ele precisa se preocupar com o sucesso da estratégia comunicacional escolhida, pois é ela que vai apontar se o espetáculo criado foi bom ou não.

Douglas Kellner (2006) aponta que estes (os espetáculos midiáticos) estão crescendo no mesmo ritmo em que as pessoas ficam mais exigentes quanto ao conteúdo que querem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Autor. Estudante de Graduação 4º. ano do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, email: [karolmf22@yahoo.com.br](mailto:karolmf22@yahoo.com.br)

consumir e evidencia isso quando diz que “A cultura da mídia promove espetáculos cada vez mais sofisticados para conquistar audiências e aumentar o poder e o lucro da indústria cultural” (KELLNER, apud MORAES, 2006. p.119). Sendo assim, seria leviano dizer que a produção de um clipe musical acontece ‘apenas por acontecer’ e quem ajuda a reafirmar isso é Roy Armes (1999), ao salientar que “[...] ver o filme exclusivamente em termos de espetáculo de certo tem gerado consequências lamentáveis” (ARMES, 1999, p. 12).

Decifrar e entender o que o artista pretende transmitir ao público pode não ser tão simples, visto que, para interpretar é preciso conhecer um pouco sobre seu passado e seu momento atual, além do apoio de teorias explicativas. A ideia do artigo surge com o objetivo de mostrar que as imagens “[...] são impossíveis de se controlar” (KELLNER, apud MORAES, 2006. p.143) fazem cada vez mais parte do cotidiano da mídia e das pessoas inseridas nela. Este trabalho busca então, desmistificar a ideia de que o videoclipe não é pensando premeditadamente. O objeto escolhido é o clipe *I Wanna Go*<sup>3</sup> da cantora Britney Spears e serão analisadas 12 cenas retiradas da produção, a partir de teorias sobre identidade e sobre estudos dos signos pelo viés da teoria peirceana.

A cantora se viu inserida no universo da comunicação imagética desde pequena. Ao longo de sua vida teve momentos distintos e neles comunicou diferentes facetas para a sociedade. Isso acontece pois “[...] as pessoas em busca de identidade se vêm invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’” (BAUMAN, 2005. p. 16), ou seja, tentam se encaixar dentro de sua melhor identidade, buscando alcançar um equilíbrio entre o que a sociedade e a mídia esperam de você e o que você espera de si. O videoclipe se vale de elementos do passado e presente da vida de Britney e desconstrói as identidades imprimidas pela cantora no decorrer de sua carreira.

A partir dessa mescla, é criado um enredo irônico e será estudado qual o significado das três cores predominantes no vestuário da cantora (rosa, branco e preto), qual o significado dos acessórios utilizados por ela e algumas ações que a cantora-personagem realiza na produção.

A cultura da mídia não aborda apenas grandes momentos da experiência contemporânea, mas também oferece material para fantasia e sonho, modelando pensamento e comportamento, assim como construindo identidades. (KELLNER, apud MORAES, 2006. p.119)

---

<sup>3</sup> O videoclipe está disponível em: <<http://migre.me/kyd3j>>

Além disso, o trabalho pretende despertar uma nova visão sobre essa produção da indústria cultural, que faz parte do nosso cotidiano e muitas vezes apenas a consumimos, sem buscar um novo olhar, sem observar o trabalho comunicacional feito para criar enredos e atingir seu espaço perante o público, além de se tornar um produto rentável e que agrade a crítica. Como aponta Armes: o objetivo é “contestar a tendência de encarar o vídeo como nada mais do que um descendente tardio do filme e da televisão” (ARMES, 1999, p. 12)

## 2 IDENTIDADES EM MUTAÇÃO

O pensar sobre identidade, falar e tentar defini-la são tarefas realizadas em diversos contextos dentro das áreas humanas e sociais. Zygmunt Bauman (2005) é um dos teóricos que trabalha com o tema e explica que a identidade não é algo que descobrimos, mas sim construímos e que surgem facilmente, uma vez que “flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mais outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. (BAUMAN, 2005. p. 19). Ou seja, o que nos ajuda a formar uma imagem nova são nossas atitudes pessoais e, principalmente, os fatores externos, a sociedade, grupos ou, como o autor se refere, comunidades que podem ser de dois tipos: as de vida e de destino

[...] A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. (BAUMAN, 2005. p. 17)

Em seu livro *Modernidade Líquida*, Bauman (2001) assevera que o “derretimento da ditadura” causado pela modernidade, com o passar do tempo, mudou os laços e obrigações sociais já estabelecidas. Esse derretimento desmanchou as formas sólidas que moldavam a vida. A liquidez faz com que cada um possa escolher o que expressar, fazer, comunicar. Assim, frases como “crise de identidade” são comuns e isso acontece pois a identidade pode ser alterada várias vezes. Para o autor, a modernidade líquida transforma as coisas em passageiras, solúveis (algo que se dissolve nas mãos – como o conceito empírico do termo líquido sugere) e a aprovação do olhar do outro conta muito na formação das identidades. A construção daquilo que você é pelo o que você aparenta faz com que as identidades estejam sempre em mutação, acompanhando as exigências do ambiente onde se está inserido.

A facilidade de “fabricar” seu novo “eu” quando quiser, reafirma o conceito de que as identidades são móveis, “flutuam no ar” e a qualquer momento podemos alterá-las. No videoclipe *I Wanna Go*, a cantora constrói diversas identidades e para exemplificar melhor os elementos presentes nas cenas recorreremos a outras teorias que auxiliarão a análise.

### 3 O UNIVERSO DO SIGNO

O norte-americano Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) estudou, dentre outras coisas, a fenomenologia dos signos a partir da semiótica, teoria que aponta que o mundo está repleto de signos que quando analisados representam algo. Lucia Santaella (2007) apresenta em seu livro *O que é semiótica* que o signo se dirige a alguém criando em seu imaginário um significado equivalente ao que se está sendo pensado, podendo ser simples ou elaborado. Dessa forma, a Semiótica busca interpretar e compreender os signos. Para Peirce apud Santaella, a definição de signo tem natureza triádica, ou seja, ele pode ser analisado em três modos:

|                                         |                                        |
|-----------------------------------------|----------------------------------------|
| EM SI MESMO (signo)                     | No seu poder de significar             |
| EM SUA REFERÊNCIA (objeto)              | O que ele indica, refere ou representa |
| EM SEU EFEITO PRODUZIDO (interpretação) | A interpretação gerada após a análise  |

Os signos estão presentes em “[...] poemas, músicas, pinturas, fotos, filmes, matérias de jornal, dança, peças publicitárias, em qualquer meio em que essas peças posam aparecer: impresso, foto, cine ou videográfico etc.” (SANTAELLA, 2007, p.05). Dependendo de qual das três propriedades que está sendo considerada no signo, a maneira que ele irá representar seu objeto será diferente.

Independente da divisão ou em qual estágio de análise ele se encontra, dentro da semiótica “[...] há três propriedades formais que lhes dão capacidade de funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência, [...] e seu caráter de lei. [...] Pela qualidade, tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo” (SANTAELLA, 2007, p.12).

Ao funcionar como signo, chamamos a qualidade de quali-signo e a consideramos como um ícone. Um exemplo é o microfone; ele não é a canção, nem a cantora cantando, mas faz com que nos lembremos dessas possibilidades. Se o signo for um existente o tratamos como índice. Essa propriedade é chamada de sin-signo; é quando, por exemplo, não vemos o rádio ou a televisão funcionando, mas o ouvimos e então sabemos que os aparelhos eles estão ligados. O sin-signo nada mais é do que os “vestígios”. Já quando o signo se encaixa como lei, ele será um símbolo e é chamado de legi-signo. Neste etapa podemos pensar que uma cruz pode significar morte. Precisamos levar em conta esta natureza pois dependendo de qual propriedades o signo estiver, será diferente a relação signo-objeto. Temos, então, a classificação dos signos em ícones, índices e símbolos.

Do mesmo modo que vivemos num mundo cercado de signos, vivemos cercados de cores. Assim como os signos, elas representam uma parte importante na compreensão daquilo que vemos. Para Luciano Guimarães (2000) a cor é “um dos elementos da sintaxe visual, e a linguagem visual como um dos diversos códigos da comunicação humana” (GUIMARÃES, 2000, p.15,16). É a união desses códigos que nos possibilita o processamento das informações transmitidas. A partir da percepção visual e da codificação neurônica das cores, nós adquirimos naturalmente um repertório de signos, pois, cores também são signos. Com a atuação dos códigos construímos o que conhecemos como linguagem das cores. A construção signo + cor é fundamental para que tenhamos uma correta interpretação do objeto a ser analisado, porque “[...] a informação cromática quando é emitida ainda não constitui o signo. Ela deverá, para isso ser recebida pela nossa visão e atualizada pela percepção e interpretação da sua materialidade [...]” (GUIMARÃES, 2000, p.19). Quando a cor se une ao signo, temos a imagem completa.

Segundo Guimarães, a cor traz em si uma carga informativa grande, convencional, biológica e cultural, então, além de ser algo cultural, é pessoal e pode ser enquadrada da maneira que cada indivíduo escolha determinar.

### 3 BRITNEY SPEARES, SUAS IDENTIDADES E A MÍDIA

Como já apontado, saber mais sobre o contexto histórico e atual do objeto a ser estudado faz diferença no resultado final da análise, pois “se o repertório de informações do receptor é muito baixo, a semiótica não pode realizar para esse receptor o milagre de fazê-lo produzir interpretantes que vão além do senso comum” (SANTAELLA, p.14). Conhecer sobre a vida midiática e os discursos midiáticos que ajudam Britney a moldar suas identidades múltiplas (as quais lhe deram a possibilidade de aceitar e assumi-las em sua vida “pessoal”<sup>4</sup>) vão auxiliar na compreensão e desenvolvimento da pesquisa.

Britney Jean Spears nasceu em 1981, nos Estados Unidos, e com apenas 11 anos, entrou para o elenco do programa “*The Mickey Mouse Club*”, do canal *Disney Channel*. Podemos verificar aqui a primeira identidade imprimida: a de menina; bom exemplo, querida, talentosa. Entre os sucessos da *Disney*, está a produção de filmes envolvendo princesas e o objetivo da sua participação era lembrar essas personagens, transmitindo leveza e delicadeza o que ajuda a reafirmar a identidade “meiga”.

---

<sup>4</sup> Pessoal neste caso significa suas atitudes e ações executadas fora dos palcos, como elementos do dia-a-dia, pois não temos acesso a real vida pessoal de Britney Spears.

Ela cresceu sendo uma figura pública. Com 17 anos, a cantora gravou seu primeiro CD solo, que foi muito vendido e de acordo com o site [x-britney.com](http://www.x-britney.com)<sup>5</sup> atualmente está na marca de 10,5 milhões de cópias. Nessa época, a cantora era considerada um exemplo de menina norte-americana a ser seguido, não fumava, não ingeria bebidas alcoólicas, não se envolvia em escândalos e era virgem.

Ela cresceu, mudou seu jeito de se vestir, tantos nos clipes, quanto na vida real, algo normal quando uma menina se torna adolescente e depois mulher. Essa mudança de fases expressa mais uma identidade. Em 2004, agora com 23 anos, a identidade não é mais de menina certinha. Neste ano Britney casou-se e uma série de fatos fez com que ela obtivesse diferentes olhares das pessoas, distintos daqueles que costumava receber. A identidade agora é a de a mulher; com presença forte, decidida, determinada.

Um novo momento mudou radicalmente a vida que a cantora tinha até então. Ela teve filhos, separou-se, envolveu-se em escândalos, perdeu a guarda dos filhos, envolveu-se com drogas, raspou a cabeça, bateu em *paparazzi*, passou por clínicas de reabilitação e alguns outros fatos que fizeram com que a crítica e a sociedade se questionasse para onde foi a boa menina. A quarta identidade surge em 2007 sendo transgressora, transviada.

Meses após esses episódios a cantora começa a se reerguer perante a mídia e reescrever sua identidade. Em 2011, com 30 anos, lançou o disco *Femme Fatale* (que contém a faixa a ser analisada neste artigo) que foi elogiado pela crítica e vendeu em dois meses um milhão de cópias como aponta o site Vírgula<sup>6</sup> do Uol. Vemos agora a identidade em que Britney busca reconhecimento pelo seu talento, está sensual e madura, do mesmo modo que no clipe *I Wanna Go*. Notamos que as identidades de Spears mostram-se móveis e adaptadas ao contexto de glórias e derrota e a cantora utiliza como convém:

[...] uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005. p. 22)

Isso faz com que a cantora se esforce para ter algo a apresentar à sociedade, tentando se encaixar no novo mundo abstrato da liquidez.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.x-britney.com/noticias/baby-one-more-time-e-femme-fatale-voltam-a-crescer-nos-eua/>>

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://topassada.virgula.uol.com.br/2011/05/03/britney-spears-femme-fatale-vende-mais-1-milhao-de-copias>>

O videoclipe *I Wanna Go* foi produzido em 2011 e integra o sétimo álbum da cantora Britney Spears intitulado *Femme Fatale*. Dirigido por Chris Marrs Peliero e dura 4:34 minutos. O enredo inicia em uma coletiva de imprensa. Na cena Britney usa uma blusa rasgada aparecendo a barriga com a estampa de um crânio com as orelhas do *Mickey* (como será mostrado na Cena 3 da análise), calça preta também rasgada (apresentada a seguir na Cena 4) e um sapato social de salto alto com taxas (observar Cena 1 na análise). Os jornalistas fazem perguntas “descabidas”. Um deles, por exemplo, questiona se a roupa que ele está o deixa gordo. Cansada, ela sai da sala após mandar todos “se ferrarem”.

Caminhando em direção a rua, Spears aparece com outra roupa. Uma jaqueta de couro branca, um biquíni rosa por baixo, saia preta de babados e coturno preto com taxas (ver Cena 5), ela pisca para diversos homens de diferentes idades que se mostram boquiabertos ao ver ela passar. Após piscar para um policial, ele a para e a revista enquanto ela fica apoiada sobre um carro. A cena termina com ela longe do policial, sorrindo e girando uma alga nos dedos e ele abotoa a camisa (como será mostrado na Cena 7).

Pouco depois a cantora é abordada por um fotógrafo. Primeiramente ela faz poses para a câmera, mas quando ele continua fotografando-a sem parar, ela quebra sua máquina (como a Cena 8 vai mostrar na análise) e outros *paparazzi* surgem. Britney começa a correr. Durante a fuga ela pula em cima de um táxi e seus perseguidores sobem em outros carros. Ainda em cima do veículo, a cantora aparece com um microfone nas mãos e o utiliza como arma para atacar os fotógrafos que caem ao chão. Britney tem então um breve momento de alívio, mas logo vê os *paparazzi* levantando, como se fossem robôs (ou uma espécie de humanoides igual aos do filme “O Exterminador do Futuro” (1984)).

A cantora então é salva por Guilherme (seu amigo que lhe dá um aceno de positivo durante a coletiva de imprensa) que de carro a leva para o meio do deserto. Dentro do veículo ela dança, comemorando. Guilherme dirige e derrama uma caixa de leite sobre si e o peito começa a faiscar. Britney então percebe que ele também é um robô. A cena volta para a coletiva de imprensa onde entendemos que era tudo um sonho. Com expressão de cansaço, a cantora novamente é “salva” por Guilherme que diz que irá levá-la para a praia. A sequência termina com os dois abraçados. Britney está de costas para a câmera e ele então vira o rosto para trás e aparece com os olhos vermelhos e uma risada “diabólica” é ouvida, como acontece no final do videoclipe *Thriller* de Michael Jackson (1983).

#### **4 I WANNA GO: EM BUSCA DE SENTIDOS**



É notado o grande número de referências utilizadas ao longo da produção, porém o objetivo da análise é explicar quais foram as identidades assumidas pela cantora em *I Wanna Go* iniciando pela desconstrução da imagem de “menina do clube do *Mickey*” até encontrar a figura atual que convive com a mídia. O videoclipe pode ser estudado por meio de vários vieses, e para a análise das 12 cenas selecionadas, as imagens foram separadas nos tópicos: 1) vestuário; 2) ações; 3) utilização do microfone.

O primeiro item contém cinco imagens que foram escolhidas por conterem sempre uma repetição de cores: o preto, o branco e o rosa. O branco e o preto são opostos um ao outro e o rosa aparece para fazer uma quebra do efeito visual dessa dualidade. Luciano Guimarães (2000) destaca a importância de estudar as cores ao dizer que “[...] a comunicação por imagens por si só possui uma enorme força apelativa, as imagens de exuberante colorido têm uma força ainda maior” (GUIMARÃES, 2000, p.II).

Há três parâmetros universais para a definição da cor. A primeira para determinar a cor exata ou pura chamada de matriz e que não sofre interferências; a segunda para determinar a atenuação da cor quando recebe luminosidade se aproximando do branco ou do preto; e a terceira para determinar a proximidade da cor numa escala de cinza, quando se torna tons derivados (ex: vermelho-pimenta, vermelho-sangue, etc.). Na análise, será aplicada a cor no seu papel de informação cultural representando uma cultura ocidental e pluralista, sem especificar um povo ou país.

Cada tonalidade carrega códigos que contam sobre sua origem. A escuridão e a claridade possuem códigos que falam muito além do que a presença ou ausência de luz. Esses dois elementos são fundamentais para conhecimento visual do preto e do branco. Integrando todas as produções de roupa da cantora, essas cores fazem, por exemplo, a oposição do negativo e positivo. “A binariedade branco-preto é normalmente polarizada e assimétrica, atribuindo-se o valor positivo ao branco e o valor negativo ao preto, início e fim. A luz como origem de todas as formas e o preto como o fim (carvão, cinzas)” (GUIMARÃES, 2000, p.92). A oposição vida e morte é muito forte nesse momento. A morte é relacionada ao preto. Essa é a cor do desconhecido, das trevas, de algo que provoca medo. Em oposição a ele temos o branco, a cor da paz, calma e serenidade. Junto a essa dualidade, o preto aparece como oposição ao colorido, surgindo como “não-cor”. Também está presente o simbolismo do respeito, a autoridade. As roupas dos juízes é um bom exemplo disso, elas conferem autoridade, pelo temor da ausência de cores.



A partir disso, abre-se um leque de simbolismos para explicar o preto e branco das roupas da cantora. Ela imprime uma identidade que representa o mesmo que a mistura das duas cores: contradição e oposição. A personagem está em paz, mas ao mesmo tempo perturbada. Com o preto demonstra, para aqueles que a observam na rua, que é uma pessoa que passou por muitas dificuldades, usando-o como luto e ponta que tem medo do jeito que a cercam. Mas, além disso, o preto representa uma identidade de respeito, através do temor que a cor causa.

É possível compreender o significado da utilização das cores quando aplicamos a informação cromática com outros elementos sógnicos. Hoje em dia, a identidade midiática de Spears apresenta a faceta de alguém que leva uma vida mais tranquila e discreta. O branco pode então representar o ressurgimento, mostrando que ela saiu da escuridão e foi para a claridade, referindo-se ao momento em que ela se “reescreveu”.

“Podemos, além do preto e branco, separar as demais cores em dois grupos distintos, as cores claras e as escuras. De forma superficial, podemos dizer eu as cores escuras são as que se aproximam do preto, enquanto as cores claras se aproximam do branco” (GUIMARÃES, 2000, p.56). A partir disso podemos analisar o rosa. Ele é uma cor clara, que se aproxima do branco e deriva do vermelho, pois quando é inserido brilho no vermelho ele se transforma nessa tonalidade.

Para explicar as características do rosa, tomamos como base o vermelho – por sua derivação. A cantora utiliza-o como forma de fuga do preto e branco, e para trazer feminilidade ao figurino. Algumas características do vermelho seguem junto com o rosa, como a presença e força, a agressividade e o calor. Dessas características, a presença e a força agem complementarmente no vestuário, pois querem afirmar a presença dela, onde ela estiver. Há, ainda, um pouco de agressividade o que reforça a identidade transgressora construída no videoclipe e iniciada com as respostas afiadas que dá aos jornalistas. Por fim, a atitude da cantora é simbolizada pelo o calor que o vermelho passa para o rosa. Na Cena 5 é notável quando a cantora entra em no segundo cenário descendo as escadas com a intenção de causar impacto, de transmitir todo o calor que tem às outras pessoas.

O rosa, também, tem suas características próprias. Ele possui qualidades culturais muito fortes, indicando feminilidade e delicadeza. A cantora sempre foi muito feminina, característica que manteve em todas as identidades apresentadas ao longo da carreira e no clipe isso é reforçado. Enquanto o preto e branco está indicando uma Britney mais madura,

séria, que cresceu e está cicatrizando as feridas do tempo, o rosa vem mostrar que mesmo assim o lado feminino e meigo ainda existe.

Explicar os signos auxilia na interpretação da construção das identidades. O signo não é o objeto em si, ele somente representa um objeto e pode ser uma simples emoção ou sentimento. Peirce apud Santaella nos explica o signo é qualquer coisa que representa outra, produzindo um efeito interpretativo no receptor. Chamamos de interpretante do signo a maneira como será absorvida a informação recebida. Dentro do próprio videoclipe aqui analisado podemos citar como exemplo o microfone da cantora. O microfone é o signo de como ela transmite sua música, que é o objeto do signo. O efeito da música cantada através do microfone é o interpretante do microfone, que é o mediador entre aquilo que ela deseja transmitir a quem a ouve e o efeito que a música cantada produz através do microfone.

## 1) Vestuário

**1.1) Sapatos:** A cantora aparece com dois sapatos no videoclipe, um *scarpin* e um coturno. Nas Cenas 1 e 2 podemos ver que os dois sapato são pretos e com taxas.



Cena 1 – *I Wanna Go* 0:10min



Cena 2 – *I Wanna Go* 0:43min

Imagens disponíveis em: <http://migre.me/kyd3j>

Apesar de diferentes, os sapatos cabem dentro dos mesmos conceitos. Ele é ícone, pois é o objeto em si. As taxas são índices, elas indicam que a cantora está as usando como proteção. Como símbolo, a construção do sapato simboliza espinhos que alguns animais possuem para se proteger e assim eles não serão atacados porque os predadores reconhecem esta defesa. Então, Britney também expressa a identidade de defensora de si mesma.

**1.2) Roupas:** Assim como os sapatos, a cantora apresenta duas combinações de roupas, variando quando tira o casaco e fica somente com a parte de cima do biquíni no final do vídeo, parte que será desconsiderada. A Cena 3 aparece logo no início do videoclipe na coletiva de imprensa. A camiseta é ícone, pois é ela em si própria. Quando está rasgada,



Cena 3 – *I Wanna Go* 0:14min

Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

os rasgos agem como índice, pois isso indica que algo aconteceu. Já o motivo dos rasgos é o símbolo do objeto. Primeiramente representa a identidade atual da cantora, que apesar de todas as experiências ruins que lhe “rasgaram” ela conseguiu costurar as falhas, remendar o tecido e continuar seguindo em frente depois disso. O outro ponto a ser observado é que a parte rasgada serve novamente como símbolo de rebeldia, transgressão, onde Spears não se importa em se apresentar ao público com as vestes assim. Depois de tudo que passou ficaram algumas “sequelas” como a rebeldia que antes não existia.

Ao usar as orelhas do *Mickey* junto com a caveira, ela mostra por meio de uma analogia que seu passado morreu, aquela primeira identidade midiática de menina da *Disney* ficou para trás, contudo ela não a esqueceu. Então, mais uma vez ela se vale de um símbolo para expressar algo que remete ao seu passado. Na imagem o cabelo ainda pode ser analisado. As cores se encaixam no conceito branco/preto/rosa. Esses tons entram na simbologia de menina-mulher que quer se defender, causar medo e impor respeito. Tornou-se uma mulher, contudo, a menina continua lá.

Na Cena 4, vemos uma calça que Spears usa junto com a blusa estampada com a caveira. Seguindo a mesma linha da camiseta, a calça é o ícone, pois mesmo rasgada continua sendo uma calça. O índice é o que dá a característica principal da peça, os rasgos e em algumas partes unidas com alfinetes e em outras não. O estado em que a calça se encontra simboliza novamente o estado psicoemocional da cantora, que depois de tudo o que passou, suas experiências ruins que lhe “rasgaram”, mas ela conseguiu costurar as falhas, remendar os locais e seguir em frente, mostrando que ela não desistiu. Ela “costura-se” para ir adiante e com isso muda a identidade e personalidade na hora de se vestir. Os rasgos, taxas e alfinetes identificam rebeldia, transgressão.



Cena 4 – *I Wanna Go* 0:39 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

No segundo figurino no clipe, apresentado na Cena 5, ela usa uma jaqueta branca, novamente com muitas taxas e alfinetes, aberta na altura do busto, como se fosse um decote, o qual deixa aparecer o



Cena 05 – *I Wanna Go* 0:44 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

biquíni rosa e branco de bolinhas e babadinhos. Usa uma saia preta de babados, meia xadrez, misturando as cores rosa e branco. Cada peça do conjunto de roupas são ícones, todas elas indiciam mais uma vez agressividade e feminilidade. A roupa simboliza firmeza e proteção, pois todos os detalhes da blusa lembram espinhos, que funcionam como alertas igual aos sapatos das Cenas 1 e 2. A blusa está aberta logo abaixo dos seios e conseguimos ver um biquíni rosa, assim é quebrado novamente o agressivo e impactante dos espinhos com uma peça suave. Ela se vale de elementos sensuais que podem ser considerados até eróticos: a saia curtinha e o decote. Além disso, a saia, mesmo sendo preta, transmite uma delicadeza ao visual por ter babadinhos, peça muito usada por crianças simbolizando infância e doçura. Esses signos são exemplos de uma identidade com postura de mulher fatal com feminilidade.

## 2) Ações

A cantora mostra sua sensualidade com dois acessórios em específico. Cada um deles é um ícone em sua própria forma original, em sua utilidade para o fim que foi criado, é um índice, pois nos dois casos indica algo dentro da situação na qual pertence e simboliza a sensualidade e o poder que a cantora tem no momento em que os usa. O primeiro objeto é uma caneta que vemos na Cena 6. Ao mordê-la, demonstra que aquele é “seu momento”. O gesto e o olhar se tornam o centro das atenções. Uma simples ação que é tirar a tampa da caneta transmite a sensação de cena prazerosa e poderosa. Agora ela mostra mais uma vez que a menina cresceu e quer gerar um impacto com suas ações. O vermelho da tampa transmite agressividade, sensualidade e delicadeza, como o simbolismo da cor indica. Se ela estivesse somente andando com a caneta na mão, esse signo não teria a mesma importância e significado na cena.

O videoclipe segue e o objeto de poder agora é uma algema. Após ser abordada por um policial, a cantora consegue ludibriá-lo e segue seu caminho, andando pela rua com a algema em mãos



Cena 6 – *I Wanna Go* 0:52 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>



Cena 7 – *I Wanna Go* 1:55 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

como vemos na Cena 7. No *frame*, o policial ao fundo está fechando a camisa e em primeiro plano o rosto de satisfação dela indica que a expressão facial da cantora mostra que ela está com o pensamento de dever cumprido. A algema retoma esse pensamento, simbolizando que ela é uma mulher dominadora, que consegue o que quer, e usa suas “armas femininas” para conseguir isto. Além disso, o carro traz novamente a presença do vermelho e suas características.

A ação representa na Cena 8 é o início da batalha entre Britney e os *paparazzi*. Abordada na rua por um fotógrafo enquanto caminha, a cantora para e começa a ser fotografada mas quando percebe que o *paparazzo* insiste em clicá-la ela fica irritada assim como



Cena 8 – *I Wanna Go* 2:15 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

ficou na coletiva. Essa imagem é o início da reviravolta que a cantora tem perante a mídia no videoclipe. Ao perceber que o profissional está passando dos limites, ela o ataca.

Nesse momento, a câmera fotográfica age como ícone, as fotos que ela tira é índice da ação de tirar fotos e enlouquecer a celebridade, então, a câmera cria uma simbologia de arma. Vemos na expressão facial da cantora que ela não está feliz e a agressividade que até o momento estava representada apenas nas roupas, atinge agora suas ações. A identidade construída agora reforça os avisos que ela transmitia utilizando o preto e as taxas.

### 3) Utilização do microfone

Esse acessório, o microfone, foi escolhido para integrar a análise por apresentar significados distintos dentro do videoclipe. Além de utilizá-lo para cantar, ela utiliza-o como “arma” na “luta” que travada contra os *paparazzi*. Por fim, o microfone é, como todos os outros elementos analisados, um ícone, pois é o objeto em si, já o microfone dentro da imagem que está inserido indicia ideias diferentes, seja o simples fato de cantar ou sendo usado em uma nova função, a arma.

Na Cena 9, ela está cantando, fazendo o que sua profissão pede que ela faça, o objeto permite a associação mais comum que nosso cérebro faz quando pensamos em um microfone.



Cena 9 – *I Wanna Go* 1:58 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

Mas a foto traz outros elementos



dentro das características do estilo menina-mulher que ela passar neste clipe. As unhas coloridas junto com a luva de couro são figuras opostas. O colorido representa leveza ao ar pesado que o couro da luva de motoqueiro apresenta. A agressividade que ela quer transmitir usando a luva é quebrada novamente, agora com a doçura das cores nas unhas.

Na Cena 10, Britney usa o microfone para outra função. Agora ela enfrenta os *paparazzi* que estão a perseguido desde a Cena 8. No minuto 2:43 o microfone aparece pela primeira vez como arma. Ela o segura ao lado do corpo como se fosse uma espada antes do ataque. Assim como os sapatos e roupas, ele possui taxas, o que o torna mais violento;



Cena 10 – *I Wanna Go* 2:43 min  
Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>



Cena 11 – *I Wanna Go* 02:45



Cena 12 – *I Wanna Go* 2:48

Disponível em: <http://migre.me/kyd3j>

Nas Cenas 11 e 12, a luta enfim acontece. Agora, a cantora está efetuando a ação, utilizando sua arma. O fio que aparece nas duas fotos é o cabo do microfone, o qual ela usa como uma espécie de chicote para atingir quem a persegue. Fazendo essa analogia, entre o microfone e o chicote, cria-se novamente um símbolo. Atrás da cantora na Cena 11, em segundo plano, em cima de outro carro está um dos *paparazzi* que está a “atacando” com os *flash* de sua câmera. Assim como Britney, os fotógrafos também têm suas armas, as câmeras, como vimos na Cena 8.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um cantor se vale da construção de um novo mundo em seus videoclipes e isso faz com que os signos e as cores sejam os principais elementos que compõem a cena. A partir dessas produções os artistas têm ainda a oportunidade de ser quem quiserem, construir quaisquer identidade. Os vídeos podem gerar diversas interpretações e Roy Armes (1999) em sua obra *On vídeo: o significado do vídeo nos meios de comunicação* destaca vários

pontos sobre a importância que eles possuem na sociedade desde sua origem até a virada do século (época em que o livro foi escrito). “O vídeo não é um produto isolado, mas o produto final de um século e meio de empenho comercial” (ARMES, 1999, p. 103), mostrando que ele evoluiu junto com a sociedade e acompanhou as demandas que lhe eram necessárias o que fica reafirmado no trecho: “os meios de reprodução de som e imagem são todos produtos da sociedade industrial ocidental e, portanto, evoluem historicamente em relação às mudanças pelas quais passou a produção industrial” (ARMES, 1999, p. 102).

A partir da análise realizada, conseguimos notar que Britney Spears e a equipe que produziu a estratégia comunicacional do vídeo conseguiram mesclar o passo e presente da artista e imprimir sua identidade atual em uma produção original. A cantora trabalhou na época para que essa faceta ficasse bem fixada para a mídia e o público em geral, e outras produções do mesmo álbum abordaram a mesma temática: seu ressurgimento, renascimento, o fato de se reescrever perante a mídia.

Fica aparente então, que as identidades foram criadas dentro do clipe mesclando passado e presente da cantora a fim de desmistificar as identidades antigas e reafirmando o novo momento em que Britney se encontra. A estória serve como crítica à mídia e faz pensar sobre como uma ferramenta de entretenimento pode transmitir uma mensagem repleta de signos para àqueles que se propõem a olhá-lo de forma mais atenta. Como aponta Armes o vídeo é uma forma artística que “certamente enriquecem nossa vida” (ARMES, 1999, p. 17).

## REFERENCIAL TEÓRICO

ARMES, Roy. **On Vídeo – o significado do vídeo nos meios de comunicação**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Summus, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. 3. Ed. São Paulo: Amnablume, 2000.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. In: MORAES, Denis (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)